

RESENHA DO LIVRO: OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO ¹

Anita Lilian Zuppo Abed, 2000²

Anita Lilian Zuppo Abed - Mestre em Psicologia (Universidade São Marcos, SP); Psicóloga (USP) e Psicopedagoga (PUC-SP); Docente em cursos de Pós-graduação em Psicopedagogia em várias universidades; Psicopedagoga da Mind Lab Brasil.

Filósofo, sociólogo, antropólogo e historiador francês, Edgar Morin é considerado um dos maiores pensadores da atualidade. Com mais de 50 obras publicadas e traduzidas em vários idiomas, discutido e estudado nas diversas áreas da Ciência, Morin é leitura indispensável para aqueles que trabalham com Educação e que se preocupam com a fragmentação do conhecimento, com a necessidade de conciliação da humanidade com o cosmos diante da crise planetária que vivemos nesta passagem de milênio, com a busca do “ser” e do “saber” simultaneamente uno e múltiplo, que leva a uma concepção de ciência que, muito mais do que detentora de verdades e certezas, é capaz de apontar caminhos para o novo, para o incerto, para o inacabado.

Esta obra é o resultado de uma solicitação feita a Morin pela UNESCO, em 1999, de uma sistematização de suas reflexões que pudessem servir de ponto de partida para se repensar a Educação no milênio que estava por começar. O texto, apesar da complexidade dos temas abordados, tem uma linguagem bastante acessível e apresenta-se organizado de modo muito didático: inicialmente há um prólogo, que pode ser considerado um resumo esquemático da obra e dá uma ideia do todo, seguido por um capítulo para cada um dos “sete saberes” eleitos por Morin como eixos para se construir uma educação integral do ser humano.

O primeiro capítulo é dedicado a “conhecer o que é conhecer”. Todo conhecimento implica em risco de erro e de ilusão, pois não é um espelho das coisas e sim uma tradução e reconstrução, uma interpretação que comporta a subjetividade e a visão de mundo. O maior erro e a maior ilusão consistem justamente em subestimar o problema do erro e da ilusão. O autor desenvolve este tema, desembocando na necessidade de um paradigma que comporte a abertura ao novo, ao incerto e ao inesperado, à flexibilidade e à autocrítica, que permita o conhecimento complexo e instaure a convivibilidade entre ideias. Esta reforma paradigmática implica em uma possibilidade de articular e organizar o conhecimento, situando-o no contexto, no global, no multidimensional, no complexo, de modo que se torne um “conhecimento pertinente”. Não se trata de abandonar a análise ou o conhecimento das partes, mas sim de conjugá-los e apreender “o que está tecido junto”.

Distinguir e unir, ao invés de compartimentar e reduzir. São estas as ideias discutidas no segundo capítulo. O ser humano é uma unidade complexa, a um tempo só físico, biológico, psíquico, social, histórico. O terceiro capítulo desenvolve a questão da condição humana, que deveria ser o objeto essencial de todo ensino: existe um elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo o que é humano. Seja na esfera individual, social ou cultural, somos todos simultaneamente unidos em nossa condição de humanidade comum

¹ Morin, Edgar. Os sete Saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez e UNESCO, 2000, 139 p.

² Publicada originalmente na **Revista Interações**. Universidade São Marcos. São Paulo, Volume 6, nº 11, jul/dez 2000, páginas 109 a 119. <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/354/35401109.pdf>

e distintos em nossa diversidade. A unidade está na diversidade e a diversidade na unidade. Não somos apenas *Homo sapiens*, somos "*Homo complexus*", multifacetados, inerentemente bipolarizados: *sapiens* e *demens*, *faber* e *ludens*, *empiricus* e *imaginarius*, *economicus* e *consumans*, *prosaicus* e *poeticus*...

As ciências privilegiaram o *Homo sapiens*, trouxeram muitas certezas e igualmente revelaram muitas incertezas, que também devem ser incluídas: o quinto capítulo discorre sobre a necessidade, para a educação do futuro, de se ensinar a enfrentar os imprevistos, o inesperado, aprendendo a "*navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas*".

No quarto capítulo, Morin discute o contexto atual vivido pela humanidade, onde o encolhimento do planeta pelo desenvolvimento da tecnologia e o processo de globalização são, a um só tempo, unificadores mas também conflituosos. Corre-se o risco da extinção do planeta com as armas nucleares e da morte ecológica com o desenvolvimento tecnológico desenfreado. Corre-se o risco da dominação e da guerra. Como nunca, se faz presente a necessidade de conviver com o diferente, com o singular, e na complementaridade poder salvar a unidade e a diversidade humana. Daí decorrem implicações éticas: a da compreensão mútua e desinteressada, tratada no sexto capítulo, e a antropológica do gênero humano, que comporta a tríade indivíduo/sociedade/espécie, favorecida pela prática democrática que regula os antagonismos e os conflitos, tema do sétimo e último capítulo.

Ao encerrar esta resenha, sinto o contraditório em mim mesma. Releio o texto... ele me parece contemplar as ideias principais. Revejo o livro... tantas e tantas considerações que tive que deixar de lado, também tão profundas e importantes, a recheiar os eixos expostos...